

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PROPÓSITO DE UMA ESPADA DO MUSEU DE BEJA.

VIANA, Abel

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

VIANA, Abel, A Propósito de uma espada do Museu de Beja. *Revista de Guimarães*, 63 (1-2) Jan.-Jun. 1953, p. 183-191.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A propósito de una espada do Museu de Beja

POR ABEL VIANA

A *Revista de Guimarães*, a págs. 249-262, de seu vol. LXI, publica um primoroso estudo de Encarnación Cabré de Moran (1), no qual a Autora, continuando a honrar brilhantemente o apelido de seu ilustre pai, o sempre saudosamente lembrado Juan Cabré Aguiló, faz referência a uma espada do Museu de Beja, nos seguintes termos:

— «Al mismo grado tipológico que la espada de la sepultura 200 de la zona VI (da necrópole de La Osera) nos parece que corresponde una espada de tipo Alcácer-do-Sal, conservada en el Museo de Beja y de procedencia desconocida, quizás de la misma necrópolis de Alcácer-do-Sal, que realmente no está muy distante, o de alguna otra localidad arqueológica cercana a Beja, que pudiera marcar un punto interesante en la ruta que siguieron estas armas desde el Sur de Portugal, a buscar por Salacia el valle del Tajo y por el Alagón, entre las sierras de Gata y Gredos hasta Salamanca y Ávila, cuya ruta se marca aún, hoy día, por nombres toponímicos tan semejantes en Portugal y España como Beja y Béjar y Évora, Elvas y Hervás».

«La espada del Museo de Beja carece de las antenas y su empuñadura de sección redonda se ornamenta con bandas horizontales de cobre y dos franjas nieladas en plata de espirales seguidas, motivo

(1) «La mas bella espada de tipo Alcácer-do-Sal de la necrópolis de La Osera».

según Kossinna de origen nórdico, que alcanza su máximo esplendor en la cultura micénica. El arco de la cruz es trapezoidal, como en la citada espada de La Osera a la que iguala también por los perfiles y acanaladuras de la hoja ».

«Asimismo recuerda mucho por su decoración la espada del Museo de Beja a la empuñadura de un puñal descubierto por el Marqués de Cerralbo en la necrópolis de Illora (Granada), conservado en el Museo Cerralbo de Madrid, que pertenece al mismo tipo de Alcácer-do-Sal, pero con la particularidad de estar nielado solo en cobre ».

Em nota, esclarece: — «Publicada por Leite de Vasconcelos: *Hist. do Mus. Ethn.* 1915, pág. 493 ».

Temos, pois, que o Museu Regional de Beja possuiria uma espada do tipo das de Alcácer do Sal.

Encarregado de elaborar o inventário do referido Museu, e conhecendo todo o recheio do mesmo, posso garantir a inexistência, ali, de tal espada — agora e em qualquer tempo desde sua fundação. O inventário antigo não faz menção dela, quer nos objectos propriamente pertencentes ao Museu, quer nos depósitos ao correr dos anos levantados por seus donos.

Vejamos, porém, o que nos deixou dito Leite de Vasconcelos na citada página da *História do Museu Etnológico Português*, publicada em 1915:

— «Ao começar o séc. v invadiram a Hispânia os Bárbaros do Norte: do seu estabelecimento na Lusitânia tratei nas *Religiões*, III, 543 sgs., de onde vimos que foram os Suevos e os Visigodos os principais ramos étnicos que influíram na nossa civilização. É difícil destrinçar, excepto no que toca à Numismática, o que pertence como próprio a cada ramo. Por isso no Museu o pouco que representa a arqueologia dos Bárbaros está subordinado ao título geral de «Época medieval» (pav. II, armários 50 e 51). Ai temos: contas achadas em sepulturas do Algarve, o espólio do cemitério de S. Geraldo (dois vasos de barro e uma fivela de cinturão), chapas de cinturão do Algarve e do Baixo-Douro, candeias de barro e vasilhas provenientes de várias localidades, anéis de bronze, outras miudezas, e

uma aguarela de uma espada de ferro do Museu de Beja ».

Não tivemos ocasião de ver a «aguarela» arquivada no Museu Etnológico, mas o texto da *História* diz-nos, explicitamente, tratar-se de uma peça sueva ou visigótica, em qualquer dos casos, medieval.

Leite de Vasconcelos não se equivocaria, ao fazer a referência, pois a peça em causa deve ser a mesma que publica nas *Religiões* (1), dando-nos dela um desenho de Saavedra, funcionário do Etnológico que por vezes o acompanhou em digressões de estudo pela província. Tem esse desenho (Fig. 1) a seguinte legenda:— «Espada de ferro, de 0,^m96 de comprimento, encontrada em *Pax Iulia* em uma sepul-



Fig. 1 — Espada de ferro, do Museu de Beja, publicada nas «Religiões da Lusitânia».

tura em que havia jóias de ouro visigóticas»; informe ampliado pela nota:— «A espada (incompleta nos copos) está no Museu de Beja, as jóias no Etnológico. A sepultura era de tijolo (ou tegulas); a sua secção pode ser representada assim (*triângulo equilátero com um dos vértices para cima*), — segundo me informa o Sr. J. Vargas, conservador do Museu bejense».

A informação de Vargas respeita, evidentemente, à sepultura, que seria tectiforme, isto é, formada por tegulas dispostas em duas filas paralelas, encostadas uma à outra, pela parte superior, a modo de telhado de duas águas.

Creio que desta espada de Beja nunca se fez publicação satisfatória, do que podem resultar, como

(1) Vol. III, p. 577. Lisboa, 1913.



Fig. 2 — *Aspecto actual da espada do Museu Regional de Beja.*

em muitos outros casos, manifestas confusões. Falarei, pois, da velha lâmina, já porque está mais a meu alcance que as jóias, já porque, para o nosso caso, é ela que mais importa.

Algumas centenas de metros a Noroeste da cidade existiu o convento de Santa Clara, fundado, sob auspícios de el-Rei D. Afonso IV, em 1340. O edifício chegou ao século passado em tal estado de insegurança e ruína que, pelo ano de 1840, as religiosas, em número já reduzido, foram recolhidas no convento da Esperança, intra-muros da cidade. A câmara municipal aforou, então, o terreno da casa e da respectiva cerca, a fim de estabelecer ali o cemitério público.

O local revelou, no teor de toda a área ao redor de Beja, e até larga distância, a presença de testemunhos arqueológicos, romanos e visigóticos. Assim, por exemplo, ao construir-se um jazigo, descobriram, a três metros de profundidade, uma sepultura romana, feita de telhas de rebordo. A notícia a que me reporto ⁽¹⁾ informa terem sido entregues ao Museu Arqueológico Municipal, o actual Museu Regional de Beja, tanto as tégulas como o espólio: «uma taça de prata e uma garrafa de vidro preto, com asa e um desenho esquisito». Estes dois objectos não os acho agora e, infelizmente, não é caso único de desaparecimento de peças do Museu, devido, sobretudo, a desconhecimento de sua importância ou valor arqueológico. Havia também a ossada, que se desfez no próprio local.

Da sepultura visigótica, a da espada, não consigo, de momento, achar a data exacta em que apa-

(1) «O Bejense», n.º 1789, de 20 de Março de 1895.

receu, mas julgo ter sido pouco mais ou menos na mesma altura. O inventário manuscrito de Joaquim António Vargas, iniciado em Março de 1898 (1), concede à ferrugenta lâmina o seguinte registo: — « Espada encontrada no cemitério público de Beja, quando procediam à abertura do caibouco para um jazigo ».

Dada a circunstância do achado, em terreno camarário, e atendendo, ainda, ao ambiente de interesse e entusiasmo gerais em que o museu bejense se criou, e que o cercou durante as primeiras décadas de sua existência, é de estranhar que a espada e as « joias » tivessem ido parar à posse de um coleccionador local, pessoa proeminente e ligada à edilidade, a quem Leite de Vasconcelos comprou as « joias », com destino ao Etnológico. Ao eminente Mestre, cuja

luta pela aquisição de objectos para o Museu de Belém não raro assumia proporções titânicas, contentou a conquista das peças



Fig. 3 — Punho da espada do Museu de Beja.

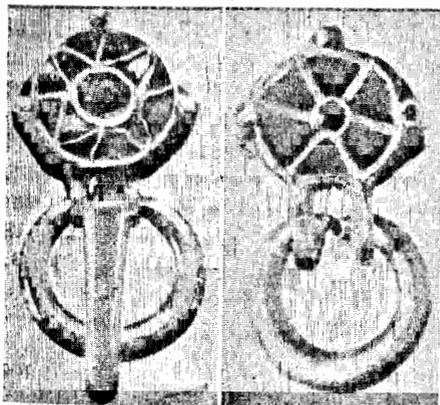


Fig. 4 — Fivelas suevas, achadas em Beja.

(Mus. Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos).

(1) O Museu Regional de Beja, antigo Museu Arqueológico Municipal, foi inaugurado a 29 de Novembro de 1892, sendo o prestimoso Vargas o seu primeiro conservador.

de oiro, desinteressando-se do resto, em boa verdade, periclitante pedaço de apodrecido ferro.

A lâmina da espada, por sua vez, foi adquirida pela câmara, consta que pela importância de cem mil réis, quantia muito elevada, para a época. Segundo tradição local, as tais jóias eram as guarnições, ou braçadeiras da bainha.

Não se trata disso, porém. Tais jóias são duas fivelas de oiro, ornadas com pedras semi-preciosas (Fig. 4). A elas se têm referido, sem esquecer sua reprodução gráfica, F. de Figueiredo e Afonso do Paço ⁽¹⁾, Reinhart ⁽²⁾, e outros.

Quanto à lâmina, cujo estado de conservação há mais de cinquenta anos já não era perfeito, como se deduz do desenho de Saavedra, acha-se presentemente quase por completo reduzida a lascas de óxido de ferro e, se não for tratada e consolidada, prestes se pulverizará dentro do rudimentar estojo em que desde sempre a guardaram.

Apesar de tal alteração, poder-se-lhe-iam notar quaisquer ornatos superficiais, se na primitiva os tivesse. Nas Figs. 2 e 3, apresento o aspecto actual de toda a lâmina e, em pormenor ampliado, o do punho. Este é de secção rectangular, com o espigão destinado a ser guarnecido de couro, osso, madeira, sabe-se lá, e não de secção redonda, conforme supõe Encarnación Cabré.

A diferença de um metro, exacto, da minha medição, para os 0^m,96 indicados no desenho de Saavedra pode ser levada à conta da dilatação resultante da oxidação.

Notam-se, regularmente espaçadas ao longo da lâmina, algumas saliências mamilares que parecem representar acessórios de ferro, tais como cabeças de grandes pregos, pertencentes à bainha, os quais,

(1) Fausto J. A. de Figueiredo e Afonso do Paço — *Placa de cinturão, visigótica, das Grutas de Cascais*, in «Homenaje a Julio Martínez Santa-Olalla», p. 14, Lám. V, 3 e 4; Madrid, 1947.

(2) Wilhelm Reinhart — *Historia General del Reino Hispanico de los Suevos*, p. 112, Lám. II; Madrid, 1952.

devido ao apodrecimento do couro ou da madeira de que a bainha era feita, aderiram à face da folha.

Decerto o desenho pormenorizadamente descrito por Encarnación Cabré não respeita a esta espada, e se o desenho existente no Etnológico for, na realidade, de uma espada do tipo das de Alcácer, não se trata de exemplar do Museu de Beja.

Qual a causa do engano? Sem dúvida a fraca publicidade da grande maioria do nosso considerável património arqueológico, pouca na quantidade e, muitas vezes, insuficiente de poder descritivo.

As aproximações toponímicas postas em relevo pela abalisada autora do estudo inserto na *Revista de Guimarães* são tentadoras, mas quanto a Beja não surgiu até agora suficiente prova arqueológica. A região de Beja é das mais ricas em achados da Idade do Bronze (1), da época romana e da visigótica; relativamente à Idade do Ferro, porém, nada mais se conhece além de raríssimos indícios isolados, nada se descobriu de típico, nem se oferecem grandes probabilidades de se vir a encontrar uma verdadeira estação desse período proto-histórico.

Persuadido de que sejam úteis, aproveito o ensejo para outras breves corrigendas e anotações.

O mesmo volume da *Revista de Guimarães*, a págs. 323-377, oferece-nos um substancial artigo de H. N. Savory (2), do Museu Nacional de Gales, em boa hora traduzido por Mário Cardoso.

Nas bem organizadas listas de achados pertencentes à segunda fase daquilo a que, no Bronze

(1) Apenas no respeitante, todavia, a cistas de tipo argárico, numerosíssimas, algumas com cerâmica e cobertas por lajes com armas insculturadas, machados de forma mais ou menos peltada, e espetos atribuídos ao Bronze final.

(2) *The Atlantic Bronze Age in South-west Europe*, publicado em 1949 nas Actas da Sociedade de Pré-história de Cambridge.

final peninsular, se deu o nome de Cultura de Noroeste, poder-se-á acrescentar a foice do tipo de Castropol, por mim descoberta na mamoa de Carreço denominada Cova da Moura. O exemplar pertence hoje ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Lisboa), reunido ao demais mobiliário daquele monumento.

Dele publicamos uma fotografia a págs. 92, do Tomo VIII, dos trabalhos apresentados ao XVII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado no Porto, em 1942 (1). Por lapso se diz, tanto na legenda da gravura como no texto da comunicação, tratar-se de um punhal de bronze. Desta foice se fala mais detidamente no relato acerca da exploração da referida mamoa, a publicar dentro em pouco.

E ao citar os raros exemplares de navalhas de barba, do final do Bronze Atlântico, há que inventariar o das Caldas de Monchique, segundo creio, até agora, o único encontrado em Portugal (2).

*

No Tomo II — «Espanha romana» — da *Historia de España* dirigida por Menendez Pidal (3), vemos que Beja teria possuído um arco romano, honorífico, o qual não chegou até nossos dias. Salvo esta, ignoro qualquer referência ao aludido arco, tanto em autores modernos como nos antigos.

Beja contou quatro arcos romanos, todos de entrada na cidade: Portas de Mértola, Aljustrel,

(1) Porto, 1943. O artigo intitula-se «Paleolítico do Baixo Alentejo», e dele se fez separata.

(2) Vid. A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira — *Duas raridades arqueológicas*, in «Rev. do Sindic. Nac. dos Engenheiros Auxiliares, Agent. Téc. de Eng. e Condutores», n.º 24; Lisboa, 1948. Fez-se separata.

(3) Capítulo — *El arte en España durante la época romana*. *Arquitectura*, por José Ramón Mélida.

Évora e Aviz — o primeiro demolido em 1876 e o segundo em 1864. O das Portas de Évora acha-se intacto, e o de Aviz, desfeito em 1893, foi reconstruído, com os mesmos materiais, em 1939.

Não haverá confusão, tomando-se por honorífico este último?